

“O cheiro do ralo” e as contradições do capitalismo

Ricardo Fabrino Mendonça

Doutor em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais,

Professor da Universidade Federal de Minas Gerais,

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

ricardofabrino@hotmail.com

Resumo

Este texto busca discutir o filme “O cheiro do ralo”, a partir de alguns conceitos trabalhados no âmbito da teoria crítica contemporânea. De forma bastante incisiva, o longa-metragem evidencia os limites e contradições de um mundo que objetificou singularidades, afetos e pessoas, sem saber como lidar com o retorno da dimensão não objetiva dessas supostas coisas. É essa contradição constitutiva que nos permite ter esperança na constatação de um mundo que se ressingulariza. É essa mesma contradição, contudo, que nos sugere certo ceticismo em relação aos mesmos lampejos de singularização. Baseando-se, sobretudo, nos escritos de Axel Honneth e Eva Illouz, a análise aponta para a complexidade da reificação, para sua variedade de manifestações e para a forma como ela atravessa a emergência do capitalismo afetivo.

Palavras-chave: cinema e política, teoria crítica, reificação, capitalismo afetivo, Axel Honneth.

“A vida é dura”, repete o protagonista de “O cheiro do ralo”. A frase expressa bem algumas das contradições internas do personagem Lourenço, bem como sua justificativa para ignorar – ou fomentar sadicamente – o sofrimento alheio. De modo mais amplo, o bordão também revela uma das facetas mais duras do capitalismo contemporâneo, que impessoaliza as fontes da opressão e transforma em mérito a resiliência de alguns diante da aspereza do mundo. Fortes e virtuosos são aqueles que enfrentam a *dura vida*, buscando escalar andares invisíveis que os conduziriam à *dolce vita*. A dureza do mundo seria inerente à concretude de suas relações, às formas de mediação das interações e às consequências a que todos estão sujeitos, operando como espécie de provação permanente na luta competitiva entre indivíduos.

O bordão mencionado é apenas um dos muitos elementos de “O cheiro do ralo” a revelar complexas dimensões do capitalismo contemporâneo. Este ensaio pretende discutir a referida produção cinematográfica em diálogo com algumas ideias desenvolvidas no seio da teoria crítica frankfurtiana, sobretudo em sua versão mais atual nos escritos de Axel Honneth sobre as contradições do capitalismo e a natureza do conceito de reificação. O trabalho de Eva Illouz sobre o amor em tempos de capitalismo também trará contribuições para este diálogo.

O ensaio está estruturado em duas partes. Na primeira delas, apresento a trama do filme. Na segunda parte, faço uma análise do longa-metragem, com base nas supramencionadas discussões teóricas. Advirto, de saída, que esta análise não é de natureza estética nem se baseia em metodologias de análise fílmica. Essa “opção” não se deve a um julgamento de que tais análises seriam problemáticas, mas à honestidade acadêmica de ater-me ao meu campo de atuação.

“O cheiro do ralo”

Baseado em romance do quadrinhista Lourenço Mutarelli e dirigido por Heitor Dhalia, “O cheiro do ralo” é um longa-metragem de 112 minutos que combina comédia e drama em uma reflexão sobre a natureza humana e as relações sociais. Lançado em 2007, o filme foi realizado com um orçamento muito modesto (cerca de trezentos mil reais), o que obrigou várias das pessoas envolvidas em sua produção a trocar seus pagamentos pela participação futura nos lucros.¹ Apesar das dificuldades, o filme ganhou diversos prêmios no Festival Internacional de Cinema do Rio de Janeiro, na Mostra Internacional BR de Cinema de São Paulo, no Beverly Hills Film Festival e no Grande Prêmio do Cinema Brasileiro.

De modo bastante sintético, o filme aborda o cotidiano de um comerciante de objetos chamado Lourenço,² que possui um galpão onde recebe pessoas que desejam vender todo tipo de quinquilharia: de pratos a coleções de *playmobil*, passando por gramofones, armas de fogo, caixinhas de música, livros e até uma “garrafa que não serve para nada, nem para vender”, segundo o dono. Trabalham com Lourenço uma secretária³ e um segurança,⁴ ambos sem nome. Aliás, convém mencionar, desde já, que os demais personagens da trama não possuem nomes.⁵

Lourenço é um sujeito frio e duro, que, como ele explica, precisou desfazer-se dos sentimentos para tornar seu negócio lucrativo. Ele compra as coisas pelo menor preço possível e, para tanto, desvincula todos os objetos de seus significados pessoais e sociais. Ilustrativa a esse respeito é a aquisição de uma caixinha de música, pela qual ele paga quinze reais. Diante da reclamação do dono e da explicação de que a caixinha tinha história e de que pertencera à sua mãe, que tocava aquela música no piano, Lourenço sugere que ele escreva as historinhas da caixinha em um papel para que dê de brinde ao próximo comprador e avisa: “Ó, agora quando quiser ouvir essa musiquinha que sua mãe tocava no piano, vai ter que esperar o caminhão de gás”. A frieza do protagonista também fica evidente em sua recusa em receber a própria mãe e no término de seu noivado logo no início do filme: “Não gosto de você e nunca gostei. Nunca gostei de ninguém”.

A rotina de negociações de Lourenço só é interrompida em algumas saídas à lanchonete. A presença assídua do personagem no estabelecimento deve-se, sobretudo, à sua fixação nas nádegas de uma garçonete.⁶ A “bunda”, como o personagem a chama, é também a razão pela qual ele sempre pede um (ou mais) refrigerante(s), já que isso obriga a garçonete a se abaixar bem à sua frente. Lourenço passa muito tempo na lanchonete – lendo, comendo, bebendo, pensando e, essencialmente, fitando a “bunda”. Ele afirma, por diversas vezes, que poderia passar a vida toda “apenas olhando para aquela bunda”, que “envelheceria ao lado dela” e que “pagaria para vê-la”.

A garçonete é uma loira simpática, doce e ingênua, que se desmancha em sorrisos. O nome dela nunca é conhecido pelo público. Lourenço pergunta, algumas vezes, mas nunca compreende a resposta.⁷ Pouco a pouco, os dois se seduzem. Lourenço dá-lhe uma bala de framboesa e a presenteia com um exemplar da *Revista Astros*, que ela contara gostar de ler. A relação fica mais evidente quando Lourenço diz que, se a comida do estabelecimento fosse boa, aquilo ali seria o paraíso. Pouco tempo depois, ela o convida para sair, mas ele recusa. Lourenço explica, em seus pensamentos, que, dessa forma, logo começariam cobranças e que preferiria pagar para ver a “bunda”: “Eu quero comprar ela para mim”.

Antes de seguirmos na exposição dessa relação, que será essencial para o desenvolvimento da trama, é preciso voltar ao cotidiano do galpão. Há um problema no lugar de trabalho que incomoda o protagonista profundamente: o cheiro do ralo do “banheirinho” de sua sala. Em diversas negociações, Lourenço faz questão de afirmar que o cheiro ruim que aparece na sala é do ralo. Logo na primeira negociação exibida pelo filme, quando um homem lhe oferece um relógio, Lourenço interrompe-o e diz: “O cheiro que você está sentindo é do ralo”. Sua voz em *off*, que perpassa a narrativa para apresentar seus pensamentos, explica que ele tinha medo de que pensassem que o cheiro vinha dele. Na negociação subsequente, de um faqueiro de prata, ele fala novamente do cheiro.

Seu temor se realiza quando ele recebe um vendedor que lhe oferece um violino *Stradivarius*. Lourenço oferece, no máximo, cento e doze reais, o que faz com que o vendedor se levante indignado. Na sequência, desenrola-se o seguinte diálogo:

1. A grande dificuldade para a captação de recursos foi o nome do filme, já que nenhuma empresa queria se associar a uma produção com tal título.

2. Interpretado por Selton Mello.

3. Interpretada por Martha Meola.

4. Interpretado por Lourenço Mutarelli, que também é o autor do livro que deu origem ao filme.

5. Há apenas a exceção da faxineira, cujo nome é revelado justamente porque Lourenço o desconhece por oito anos.

6. Interpretada por Paula Braun.

7. A câmera fecha nos lábios da garçonete que diz algo, mas o som é cortado. E Lourenço diz que nunca conseguiria pronunciar aquele nome.

Homem do violino (HV): Isso aqui cheira merda.
Lourenço (L): O cheiro é do ralo.
HV: Não é, não.
L: É sim. Vem do ralo. Do banheirinho aqui.
HV: O cheiro vem de você... Quem usa esse banheiro?
L: Eu.
HV: Quem mais?
L: Só eu.
HV: Então, de onde vem o cheiro?

No dia seguinte, o vendedor de uma arma de fogo diz que ele está amarelo. Começa, então, uma busca para eliminar o odor do ralo, que é tido como a razão de muitos de seus problemas. Inicialmente, Lourenço chama um encanador, que analisa o ralo e afirma que terá de quebrar tudo para trocar o sifão, o que teria um custo significativo. Lourenço manda o profissional “à merda” e diz que prefere ficar com o cheiro.

Já em casa, Lourenço passa a noite acordado. Diz que está confuso e estranho; que a culpa é do cheiro do ralo; e que ele tem de quebrar o banheirinho. No dia seguinte, sua primeira ação é jogar areia e cimento no buraco, na tentativa de tampar o orifício. No entanto, o ralo drena o material, e seu esforço parece em vão.

Na sequência, o filme apresenta um novo desdobramento, que marcará sua continuidade. Um vendedor oferece a Lourenço um olho vitrificado e afirma que aquele olho já teria visto tudo. Fascinado, o protagonista oferece cinquenta reais, que logo são descartados. Lourenço hesita, mas oferece cem, ao que o vendedor replica que ainda é pouco e pede quatrocentos. Lourenço reluta, mas acaba pagando. Aliás, essa será uma marca do personagem a partir de então. Por mais duro e frio que ele seja, alguns objetos o fascinam a tal ponto que abre mão de qualquer cálculo monetário e desembolsa o que for preciso para “adquirir” o “bem”.

Comprado o olho, Lourenço o observa fixamente e diz que ele ainda não viu a “bunda”. Ele passa a usar o objeto como uma espécie de amuleto, mostrando-o a várias pessoas e afirmando que o olho teria sido de seu pai. O próprio Lourenço explica, depois, que nunca conhecera o pai e que tentava reconstruir esse ilustre desconhecido. Tanto que, em outro momento, ele compra uma prótese de uma perna no intuito de remontar o que chama de “pai Frankenstein”:

L: Ele nunca me viu, nunca soube o quanto eu o amei. Ele foi. Eu fiquei. Ele é mais triste que eu. Porque talvez ele não tenha ninguém. E eu tenho ele. Meu pai Frankenstein.

A essa altura do filme, os elementos mais importantes da trama já estão colocados: a rotina das negociações, a “bunda”, o cheiro do ralo e o olho (com

sua ligação à questão paterna). É nesse momento que surge outra personagem que terá papel fundamental no desenrolar da história: a viciada.⁸ Na primeira vez que ela vai ao galpão, visivelmente afetada pelo uso de drogas, Lourenço compra uma caixa e mostra-lhe seu amuleto (o olho). A viciada retornará sistematicamente ao galpão, em um processo de definhamento e de venda de tudo o que há em seu entorno. Até que, sem mais para vender, Lourenço afirma que pagaria para que ela se despisse para ele. A garota reluta, mas diz que precisa muito do dinheiro e acaba por abaixar a calcinha e levantar a blusa. Trêmula, ela observa a masturbação de um Lourenço que permanece sentado na mesa e, depois, joga uma grande quantia de notas sobre a mesa.

Voltaremos em breve à viciada. Por ora, contudo, faz-se necessário retornar à garçonete, com cuja “bunda” Lourenço segue flertando. Na lanchonete, Lourenço mostra os atributos físicos da loira ao “olho” e ouve um segundo convite para sair. Ele acaba aceitando, diante da indagação da garçonete sobre sua orientação sexual (“você é viado?”). Contrariado, Lourenço se arrepende: “Ela tinha que ser acanhada. Eu oferecia o dinheiro e ela aceitava, submissa, porque precisava. Eu tinha o poder”. E deixa escapar em voz alta: “Eu pagaria para ver essa bunda”. Com os olhos marejados, a garçonete vira-se e pergunta: “Quanto?”. Ao que ele responde: “Quinhentos”. Ofendida, ela expulsa-o do estabelecimento. Intrigado, ele reflete:

L: Estranho... É tão difícil acontecer algo que não previ. Deve ser o olho. É isso. Esse olho dá azar. Esse olho é do mal.

Lourenço afirma também que deve ter absorvido a história das coisas: “Porque tudo o que eu compro tem sentimento, tem história”. Sua rotina de negociações tem sequência, incluindo as “aquisições” de pessoas. A viciada retorna ao galpão e oferece-lhe um prato – única coisa que lhe restara, já que “dera” todo o resto a ele.

L: Deu não. Você nunca me deu nada. Eu paguei sempre. Pedi pra você vender? Vendeu porque quis. Repete: “Vendi porque quis”.
Viciada (V): Vendi porque quis.
L: Esse prato não vale nada. [...]
V: Aquilo lá eu não gostei de fazer.
L: Então, volta outra vez com alguma coisa valiosa.
V: Então eu vou fazer.
L: Ó, você vai fazer porque você... nunca te obriguei a fazer nada, obriguei?
V: Obrigar o senhor não obrigou, mas eu fiz contra a vontade.

8. Interpretada por Sílvia Lourenço.

L: Mas assim fica mais gostoso.

V: Só se for para o senhor.

L: Claro que é para mim! Eu que tô pagando.

E a viciada não é a única mulher comprada por Lourenço. Há outra cena em que uma mulher o seduz e consegue todo o seu dinheiro para ir se despindo. Imperativa, ela o xinga, e, excitado, ele perde o controle da situação. Exausto, ele se arrasta até o banheiro para cheirar o ralo.

Aqui, a relação de Lourenço com o cheiro do ralo já mudara bastante. Depois da visita de novos encanadores e da tentativa malsucedida de cimentar o banheirinho, ele decidira utilizar o cheiro, entendendo que o ralo seria uma espécie de “portal do inferno”.

L: O cheiro do ralo... Sinto um prazer estranho quando eu digo isso... é como se eu me reencontrasse. Talvez o cheiro seja meu. Foi o cheiro que me trouxe a bunda. É um presente do inferno.

L: O poder é afrodisíaco. O cheiro me dá poder. O cheiro e o olho.

É assim que Lourenço decidira “se conectar com seu eu verdadeiro” e retirara o tampão de cimento do ralo, desesperadamente (com martelo, cinzel e unhas): “O ralo é o olho do inferno. O inferno só tem um olho. O inferno é meu pai”. Com o ralo reaberto, Lourenço inclina-se e inspira-o vigorosamente.

À cena da mulher que leva todo o seu dinheiro segue-se nova visita da viciada, que adentra o recinto se despindo. Atônito, ele vê-se sem dinheiro e pede que ela se vista. Mas outra pessoa entra na sala e a vê nua. Ela o acusa de abuso e o chama de mentiroso. Logo, a sala do galpão é tomada por várias pessoas que o agridem. A confusão só termina quando o segurança invade a sala e dispara dois tiros para cima. No depoimento à polícia, Lourenço é indagado sobre a mulher que saiu correndo nua. Ele pergunta se ela era bonita, e o policial responde que parecia o demônio. Ele replica: “Hoje, o inferno saiu do ralo só para me ver”.

Para a compreensão da trama do filme, é necessário, agora, voltar à história da garçonete e de sua “bunda”. Lourenço já sonhara com a garçonete se despindo, mas demorou a voltar à lanchonete depois que foi pego dizendo que pagaria para ver as nádegas. Quando volta ao estabelecimento, há outra garçonete trabalhando no lugar da antiga. Ele não percebe a troca das atendentes (que são fisicamente muito distintas) e só se convence depois que a nova funcionária concorda em “dar uma viradinha”. Ciente da mudança, ele tenta obter o telefone da antiga garçonete, sem êxito. Até que a nova funcionária diz que tem uma surpresa e lhe dá um papel com um número e a

seguinte informação: “Ela disse que vai vender o negócio pro senhor”. Ele hesita, mas liga, e eles marcam um encontro no galpão.

Presencialmente, Lourenço desculpa-se e explica que, no início, só via a “bunda”, mas que percebeu que gostava dela. Ele suplica-lhe, então, que deixe que ele veja sua “bunda” de perto e oferece dinheiro (tudo o que tem na sala) e um emprego. Embaraçada, ela levanta-se e pergunta se terá que devolver o dinheiro se ele não gostar. Diante da negativa, ela se despe, e Lourenço olha-a fixamente, emocionado. Ele caminha em sua direção, ajoelha-se, fita o objeto de desejo e beija uma das nádegas, abraçando-se a elas e chorando convulsivamente. Depois, reflete:

L: E, assim, mais uma coisa a bunda se torna. Como tudo...

No dia seguinte, a ex-garçonete já aparece como secretária, feliz e subserviente, escutando as ordens de um patrão austero. A primeira vendedora do dia é a viciada, que entra com um saco de papel, afirmando ter trazido algo para Lourenço. Ele pede que ela mostre, e ela dispara uma arma duas vezes. Alvejado, o protagonista rasteja até o banheirinho e morre próximo do ralo, ao lado do olho, sob os gritos da nova secretária.

A reificação e os paradoxos do capitalismo

O longa-metragem aqui em foco ajuda a descortinar características e problemas do capitalismo. Capitalismo este que se viu profundamente transformado desde suas raízes comerciais, com as grandes navegações, passando pelas transformações radicais das revoluções industriais até atingir a forma do capitalismo monopolista-financeiro no século XX, com suas diversas facetas e desdobramentos variados (Hobsbawm, 1995; Beaud, 1987). Entre o Estado de bem-estar social de matriz keynesiana (Esping-Andersen, 1995) e o neoliberalismo preconizado por Hayek (Anderson, 1996), há diferenças profundas, embora ambos tenham alimentado revitalizações do sistema econômico capitalista.

Essa plasticidade histórica torna-se ainda mais complexa se se consideram as variações contextuais assumidas pelo capitalismo. Em diversos locais e em face de jogos de força distintos, o capitalismo assumiu feições variadas, fazendo-se muitos. Há, pois, sempre, um reducionismo nas tentativas de síntese do capitalismo em um adjetivo. Atualmente, há quem fale de capitalismo informacional, de turbo-capitalismo, de *fast capitalism* ou mesmo de pós-capitalismo. Neste texto, não buscaremos argumentar em favor de uma

designação, nem mapear os alicerces definicionais de cada uma delas. Para avançar a análise de “O cheiro do ralo”, será suficiente destacar duas interpretações contemporâneas do capitalismo: (1) a desenvolvida por Axel Honneth (em colaboração com Martin Hartmann) e (2) aquela trabalhada por Eva Illouz.

Em ambos os casos, salta aos olhos uma leitura crítica do capitalismo contemporâneo, que percebe suas consequências sobre a vida ordinária dos sujeitos, perpassando a configuração dos *selves* e suas relações sociais. Tanto em Honneth como em Illouz, também se nota atenção ao processo de pulverização dos fluxos (de capitais, de serviços, de pessoas, de sentidos), que tornaram as causas da opressão cada vez mais rarefeitas e imperceptíveis aos sujeitos. Fluxos esses que, embora etéreos, não deixaram de imprimir marcas muito concretas no mundo, inclusive ao “objetificar” aquilo que não deveria ser objetificado. O que se nota, assim, é um processo de sublimação de mão dupla, em que concreto e etéreo metamorfoseiam-se permanentemente em um processo no qual a reificação faz-se fluida e o fluxo faz-se sólido.

Começamos pela contribuição de Honneth. Teórico crítico por formação e por atuação, Axel Honneth é bastante ácido em suas leituras sobre o capitalismo contemporâneo. Suas críticas à exploração do trabalho, às injustiças econômicas e às patologias do capitalismo atravessam sua obra (Honneth, 1991; 2001; 2003b; 2007; 2010; e Hartmann; Honneth, 2006). Negligenciar esse aspecto – ou considerá-lo tangencial – implica não captar uma dimensão central de seu trabalho (Smith, 2009; Mendonça, 2009). Em sua teorização sobre as lutas para alterar as gramáticas morais que regem as interações sociais, Honneth lida frontalmente com as condições e as consequências do capitalismo contemporâneo.

No sentido de compreender algumas das questões que transparecem em “O cheiro do ralo”, há dois textos de Honneth que são particularmente significativos: o primeiro deles é o resultado de algumas palestras sobre reificação apresentadas por ele em 2005, em Berkeley; o segundo foi escrito em parceria com Martin Hartmann e trata dos paradoxos do capitalismo.

Na tentativa de repensar o conceito de reificação, Honneth (2005) afirma que este teria sido negligenciado depois da Segunda Guerra Mundial como mecanismo para um diagnóstico crítico da sociedade. Para sua reconceitualização, Honneth (2005, p. 96-97) retorna à definição de Lukács de reificação como uma relação entre pessoas, que teria assumido o caráter de coisa e se entranhado nas mais diversas esferas da vida social. Para o autor, Lukács entendia que,

no capitalismo, a reificação veio a constituir a segunda natureza dos seres humanos. Ele declara, assim,

que todo sujeito envolvido na forma de vida capitalista necessariamente adquirirá o hábito de perceber a si mesmo e a seu mundo circundante como meras coisas e objetos. (Honneth, 2005, p. 97-98; tradução nossa)

Nesse processo, os sujeitos ver-se-iam profundamente marcados pela mercantilização, sendo compelidos a agir com base em uma racionalidade instrumental(izante), que gera a perda da capacidade de *engajamento empático*.

Para aprofundar a discussão, Honneth (2005) traça alguns paralelos entre as ideias de Lukács, o conceito heideggeriano de “care” e a noção deweyana de “envolvimento prático”, ressaltando que os três autores, cada um a seu modo, questionam o dualismo entre sujeito e objeto e atentam para a dimensão afetivo-afirmativa das ações sociais. Honneth também retoma as ideias de G. H. Mead para destacar o processo ontogenético de aprendizado de relacionamento com os outros. Questionando algumas abstrações cognitivistas que atravessam esse debate, Honneth (2005) argumenta que a identificação afetiva é fundamental para que a criança aceite e internalize a autoridade corretiva. “É por meio dessa ligação emocional com um outro concreto que um mundo de qualidades significativas é revelado à criança como um mundo em que ela deve se envolver praticamente” (p. 118). Ainda de acordo com Honneth, tanto Dewey como Heidegger e Lukács reconheceram a precedência do envolvimento emocional ao processo cognitivo.

É com base nessas ideias que Honneth (2005) capta o que percebe como uma contradição do pensamento de Lukács: “Como pode o processo de ‘reificação’ ser explicado como uma ocorrência social, se o que supostamente é perdido é de tamanha importância para a sociabilidade humana que ela deveria ser expressa em *todas* as ocorrências sociais?” (p. 125). Para Honneth, Lukács acabaria por esvair a humanidade da sociabilidade de que depende para falar da reificação. De modo a corrigir o problema, Honneth propõe que se defina a reificação como um tipo específico de relação em que o ato cognitivo “se ilude como se fosse um ato autônomo de todos os pré-requisitos não-epistêmicos” (p. 128). Tratar-se-ia, pois, de um *esquecimento*.

É este elemento de esquecimento, de amnésia, que eu gostaria de estabelecer como a pedra angular de uma redefinição do conceito de “reificação”. Na medida em que, em nossos atos de cognição, nós perdemos de vista que estes atos devem sua existência ao fato de termos tomado uma posição reconhecimental anterior, nós desenvolvemos uma tendência a perceber as outras pessoas como meros objetos insensatos. (Honneth, 2005, p. 129)

A reificação seria uma perda da atenção ao antecedente afetivo das ações que nos impedem de reconhecer como as expressões dos outros nos convocam a responder a elas de certa forma. Tal perda de atenção apareceria, por exemplo, na busca unidimensional de um objetivo que nos deixa, de algum modo, cegos à complexidade das ações. Ela também pode derivar de fatores externos, como esquemas de pensamento que emolduram nossas interpretações unidimensionalmente.

Paralelamente a essa releitura do conceito de reificação, importa-me chamar a atenção para a discussão de Hartmann e Honneth (2006) sobre os paradoxos do capitalismo. De acordo com os autores, no século XX, a era social democrata teria gerado alguns avanços morais, tais como: (1) o aumento dos salários e (em tese) do tempo livre; (2) o fortalecimento de liberdades, direitos e das condições para a autonomia individual; (3) a equalização de certas oportunidades por meio da educação e das conquistas feministas; e (4) a instauração de relações amorosas puras, centradas nos sentimentos. No entanto, a ascensão do neoliberalismo no último quartil do referido século teria gerado mudanças que inverteram a lógica de algumas dessas conquistas. Assim, de um modo paradoxal,

sob a influência de um capitalismo em expansão, elementos de um vocabulário emancipatório ou de uma transformação de instituições sociais feitas com intenção emancipatória perdem seu conteúdo original e, de maneiras complexas, promovem precisamente a lógica utilitária da ação que deveriam controlar. (Hartmann; Honneth, 2006, p. 47)

Observa-se, nesse sentido, o uso da autonomia individual como forma de alimentar a exploração, a disciplina, a insegurança e a fragmentação social. Para Hartmann e Honneth (2006), em primeiro lugar, o incremento da liberdade biográfica e o discurso da flexibilidade acabaram por fazer com que tarefas laborais fossem vividas como parte da autorrealização, abolindo garantias e proteções legais aos trabalhadores. A fusão da vida privada com o ambiente do trabalho engendra novas formas de opressão e alicerça as redes de amizade em “interesses instrumentais, enquanto as relações instrumentais são repetidamente transformadas em relações do tipo amizade” (p. 50).

Em segundo lugar, o acesso a direitos sociais passa a depender de uma espécie de escambo disciplinador, em que o sujeito precisa se submeter a lógicas e responsabilidades que lhe são impostas. Há uma individualização de sucessos e fracassos e um consequente aumento de doenças depressivas, fruto da “insatisfação que resulta das ampliadas demandas por responsabilidade” (p. 52).

Em terceiro lugar, o fortalecimento do princípio da realização ajuda a pavimentar o reconhecimento do êxito no mercado como único critério de recompensa. “Em outras palavras, somente aqueles que empregam sua força de trabalho na produção de produtos e serviços que podem ser vendidos no mercado ganham seu sustento” (p. 54).

Em quarto lugar, o “amor foi crescentemente reificado e comercializado na medida em que sujeitos usaram itens de consumo e bens de luxo para dotar suas relações afetivas de expressão simbólica e para ritualmente marcar-se como distintos de seu ambiente social” (p. 55). Isso dificulta o estabelecimento de relações criativas, e a ação calculadora vê-se transferida para o âmbito das relações íntimas. A “racionalidade econômica, que, até agora, parceiros levavam em consideração juntos para fazer suas precárias relações durarem, estaria se transformando em uma ferramenta que eles usam para se avaliarem” (Hartmann; Honneth, 2006, p. 56).

Essa discussão sobre as relações afetivas no capitalismo contemporâneo está ancorada no trabalho da socióloga marroquina Eva Illouz. A autora tem se destacado na discussão sobre as configurações hodiernas do amor e suas transformações. Em uma série de palestras proferidas no Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt em 2004, Illouz (2011) apresenta de forma bastante didática o que chama de *capitalismo afetivo*:

É uma cultura em que os discursos e práticas afetivos e econômicos moldam uns aos outros, com isso produzindo o que vejo como um movimento largo e abrangente em que o afeto se torna um aspecto essencial do comportamento econômico, e no qual a vida afetiva – especialmente a da classe média – segue a lógica das relações econômicas e da troca. (p. 12)

Para a autora, o *capitalismo afetivo* está profundamente ligado a alguns fenômenos do século XX. Em primeiro lugar, à difusão de um discurso terapêutico, que buscou fazer do “eu” um objeto de permanente escrutínio e controle. A “narrativa terapêutica transforma os sentimentos [...] em objetos públicos, a serem expostos, discutidos e debatidos” (Illouz, 2011, p. 76-77). Em segundo lugar, ao fortalecimento do ideal de comunicação, que “passou a ser uma aptidão afetiva com que navegar num meio repleto de incertezas e imperativos conflitantes, e com que colaborar com os outros através da capacidade de instilar coordenação e reconhecimento” (p. 37). Esse ideal teria sido sustentado, por exemplo, pelo feminismo, cujo discurso igualitário promoveria um processo de racionalização das relações íntimas.

Esse contexto, de acordo com Illouz (2011, p. 58), alimenta um tipo de “comunicação terapêutica [que] instila a vida afetiva de um caráter procedimen-

tal que faz os sentimentos perderem sua indexabilidade, sua capacidade de nos orientar com rapidez e de maneira não autorreflexiva na rede de nossos relacionamentos cotidianos”. Os sentimentos tornam-se alvo de apresentação pública, discussão, objetificação e retificação.

A autora conduz, ainda, estudo sobre sítios virtuais de relacionamento. A internet, para ela, demonstraria bem as características do *capitalismo afetivo* ao requerer uma apresentação pública de *eus* particulares que se narrativizam em um mercado de perfis que buscam o(s) par(es) ideal(is).

A internet estrutura a busca do parceiro como um mercado, ou, mais exatamente, formaliza a busca de um parceiro sob a forma de uma transação econômica: transforma o eu num produto embalado, que compete com outros num mercado aberto, regulado pela lei da oferta e da procura; transforma o encontro no resultado de um conjunto mais ou menos estável de preferências; faz com que o processo de busca seja cerceado pelo problema da eficiência; estrutura os contatos como nichos de mercado; atribui um valor econômico (mais ou menos) fixo a perfis (isto é, pessoas) e deixa as pessoas nervosas quanto a seu valor nesse mercado estruturado, e ansiosas por melhorar de posição nesse mercado. (Illouz, 2011, p. 127)

A mercantilização do *eu* pauta-se pela lógica da eficiência instrumental do capitalismo, objetificando afetos que se tornam mensuráveis.

Feitas essas breves sínteses conceituais, é preciso, agora, voltar para o filme aqui em análise. Afinal, o que essas ideias têm a ver com “O cheiro do ralo”? Como elas nos ajudam a entender o capitalismo moderno pelas lentes do longa-metragem?

O cheiro, a “bunda” e o capitalismo

O filme de Heitor Dhalia evidencia, de maneira bastante eloquente, alguns dos mencionados paradoxos do capitalismo, caricaturando as condições que alicerçam a reificação das relações sociais e a constituição do capitalismo afetivo. No mundo autocentrado de Lourenço, seu êxito depende de sua capacidade de fechar-se para o *envolvimento prático* com os outros, o que faz com que ele se iluda permanentemente e “esqueça” a dimensão afetiva do agir.

Lourenço des-pessoaliza e des-socializa tudo ao seu redor. Curiosamente, ele inicia por *coisificar* os próprios objetos, extraindo-lhes os sentidos que ultrapassam sua funcionalidade. É por essa razão que o personagem aparece apenas comprando objetos, mas não os vendendo. Para comprar, ele precisa despir o

objeto na sua nudez material, destituindo-o de outras camadas de sentido. A caixinha de música, por exemplo, não tem história ou inserção social, sendo tomada apenas como um objeto que toca a “música do caminhão de gás”. Nas trocas instrumentais de que depende o comércio, as coisas são matéria bruta e valem não pelo valor que lhes conferem seus proprietários, e sim pelo valor de troca.

Nesse processo de coisificação, instaura-se a reificação de relações sociais. Lourenço não vê a garçone, mas deseja adquirir a “bunda”. Como gramofones e livros, ele compra mulheres que, constrangidas ou desinibidas, despem-se em seu galpão para satisfazer-lhe um desejo. A viciada oferece-lhe um prato antes de vender-lhe o corpo, e a prostituta o seduz justamente ao partir da premissa da instrumentalidade daquela relação. A questão de gênero também fica muito evidente: são as mulheres-objeto que Lourenço adquire e coisifica, em um mundo em que os corpos femininos são facilmente restringidos a algumas de suas frações.

A reificação social fica clara, em “O cheiro do ralo”, não apenas nesses momentos explícitos em que Lourenço compra a matéria bruta de corpos femininos, mas também no próprio desenrolar da trama em que os personagens não têm nomes. Não se trata de seres humanos singulares com quem ele se relaciona, mas de corpos que cumprem papéis sociais: a garçone, o segurança, a secretária, a noiva, a viciada, a “bunda”. Mesmo que ele tente, uma relação singularizante é impossível a Lourenço, que nunca compreende, por exemplo, o nome da dona da “bunda” (“Eu nunca poderia pronunciar aquele nome”) e chama sua faxineira Josina pela alcunha de Lucinete (durante oito anos!). Nomes caracterizam, delimitam, humanizam, singularizam e identificam corpos. Daí sua inviabilidade em um mundo caricaturado, em que há apenas coisas permutáveis, sem qualquer sentimento ou empatia.

Importante perceber, ainda, que a reificação é de mão dupla. Ao instrumentalizar o mundo e coisificar objetos e seres humanos, Lourenço torna-se também objeto. Ele é um mero comprador para quem as pessoas precisam empurrar suas mercadorias. Elas buscam seduzi-lo com seus objetos, mas não porque tenham qualquer interesse em sua pessoa. Lourenço é apenas um instrumento e essa objetificação parece, pouco a pouco, endurecer sua própria forma de agir.

Tal como aponta Honneth (2005), é curioso observar, contudo, que Lourenço em alguns momentos se dá conta de que esse processo está ocorrendo. Ele explica à faxineira que teve de aprender a ser frio e a ver as coisas e as pessoas como objetos sem sentidos para que pudesse ter lucro. Ele também afirma, em certo momento, que teme absorver a história dos objetos que o cercam (“Porque tudo o que eu com-

pro tem sentimento... tem história”). Vale lembrar, ainda, a cena em que ele se desculpa com a garçonete e lhe explica que depois de ver a “bunda”, passou a se apaixonar por ela. No entanto, ele insiste em ver a “bunda” e, ao comprá-la, percebe que em “mais uma coisa” ela teria se tornado.

É interessante destacar, também, as cenas em que esse esquecimento do envolvimento afetivo com o mundo retoma Lourenço de uma maneira inconsciente, retirando-o do controle de suas relações instrumentais. É o que ocorre, por exemplo, em algumas das cenas em que o protagonista se relaciona com mulheres. Lourenço sai de si e entrega quantidades vultosas de dinheiro (geralmente, tudo o que possui consigo), perdendo o controle da situação. Lourenço passa a ser dominado pelo tipo de relação instrumental que engendra. Como bem lembram Adorno e Horkheimer (1985, p. 217) em *Dialética do Esclarecimento*, “o corpo se vê de novo escarnejado e repellido como algo inferior e escravizado e, ao mesmo tempo, desejado como o proibido, reificado e alienado”.

Essa perda de controle também aparece nos momentos em que o protagonista se vê seduzido por alguns objetos, pelos quais paga quantias muito elevadas. No ímpeto de reconstruir seu “pai”, Lourenço compra o “olho” por um preço oito vezes maior do que havia oferecido e rende-se completamente às demandas do vendedor. Ele também entrega todo o dinheiro de sua caixinha para adquirir uma prótese de perna que, em sua fantasia, também remontaria a seu pai. Há, pois, situações que alteram o padrão de controle nas relações estabelecidas por Lourenço e projetam-no em um mundo inesperado. E ele se surpreende quando as coisas saem do seu controle, como quando se desentende com a garçonete e pensa: “Estranho; é tão difícil acontecer algo que não previ. Deve ser o olho”.

Entre os imprevistos que aparecem em sua vida está o cheiro do ralo. O cheiro, tal como os sentimentos que ele nutre pela garçonete, é imprevisível e incontrolável. O cheiro o invade. Ocupa-o e manifesta-se em suas relações sociais. Aqui, vale lembrar uma interessante passagem da *Dialética do Esclarecimento* que explica a importância do olfato. De acordo com Adorno e Horkheimer (1985, p. 171-172),

de todos os sentidos, o ato de cheirar – que se deixa atrair sem objetualizar – é o testemunho mais evidente da ansia de se perder no outro e com ele se identificar. Por isso o cheiro [...] é mais expressivo do que os outros sentidos. Ao ver, a gente permanece quem a gente é, ao cheirar, a gente se deixa absorver.

O cheiro que sai do ralo de Lourenço marca seu cotidiano, absorve-o e atravessa-o “sem objetualizar” (!). Diante desse incontrolável (sobretudo em um

mundo em que tudo o mais se objetificou), Lourenço comporta-se como em todas as situações de sua vida. Se o amor pode ser controlado com a transformação do sentimento em coisa, da mulher em “bunda”, o cheiro também poderia ser domado pelo concreto – literalmente... Lourenço cimenta o ralo, mesmo contra os avisos de encanadores de que o cheiro apareceria de qualquer jeito. Diante daquilo que não pode ser dominado, o protagonista não vê alternativa senão a coisificação. A solidez da matéria haveria de resolver a fluidez imponderável do cheiro. Nada melhor para ilustrar a reificação das relações sociais alimentada por Lourenço.

Se, como suponho, a questão da reificação já está clara, faz-se necessário aprofundar um pouco a relação entre essas questões e os já referidos quatro paradoxos do capitalismo abordados por Hartmann e Honneth (2006). Nota-se, em primeiro lugar, a presença de um sujeito que se quer autônomo, colocando-se à frente de tudo e de todas, instrumentalizando relações e coisificando fluxos. Interessantemente, tal como vislumbrado pelos autores, percebe-se o caráter dual das relações estabelecidas por Lourenço. Se as relações afetivas se veem instrumentalizadas, as relações instrumentais são empurradas, em alguns momentos e quase que desesperadamente, para o campo da amizade. É o que se manifesta nas tentativas, esporádicas, de Lourenço de contar histórias (sobretudo acerca do “olho de seu pai”) para alguns dos comerciantes ou na sua conversa (terapêutica) com sua faxineira.

Em segundo lugar, ressalta-se a presença da ideologia da responsabilidade na conduta de Lourenço. As ideias do êxito e do fracasso individual aparecem na despersonalização da injustiça expressa, reiteradamente, no bordão de nosso protagonista: “a vida é dura”. Sadicamente, Lourenço aplica a dureza da vida a seus parceiros de interação, provando-lhes a aspereza de seus destinos. Sem notar, contudo, seu próprio comportamento desdobra-se de maneiras inesperadas, trazendo-lhe consequências não previstas, como na cena em que a viciada o acusa de assédio sexual. O indivíduo que se presume livre e autossuficiente vê-se imerso em um enredo de consequências que escapam completamente a seu controle (Markell, 2003). Imersão essa que se assemelha à absorção propiciada pelo olfato de que já falavam Adorno e Horkheimer (1985).

Em terceiro lugar, e vinculada à ideologia da responsabilidade, nota-se a reprodução dos ideais de produtividade, que só reconhecem aqueles que produzem algo mercadologicamente valorizável. Novamente, recorreremos à trama da viciada, que se vê humilhada e desumanizada justamente quando não tem mais nada a vender. Lourenço diz-lhe claramente que ela deve se despir ou voltar quando tenha algo de valor. O sujeito só é reconhecido como sujeito autônomo e respeitável na medida em que é útil ao mercado.

Por fim e em quarto lugar, nota-se a reificação do amor, patente não apenas na maneira como Lourenço compra os corpos que o satisfazem sexualmente, mas também na sua tentativa de proceder da mesma maneira diante da experiência amorosa. A compra da “bunda” nos momentos finais do filme é seguida por um choro convulsivo, que parece envolver um misto de emoção (afinal, a “bunda” finalmente foi conquistada) e desespero (por não ter resistido à lógica instrumentalizante). A racionalidade econômica impôs-se vigorosa, assegurando que o mundo reificado do protagonista permaneça como tal. Mundo este que o incomoda, como aparece em uma de suas reflexões:

L: De todas as coisas que eu tive, as que mais me valem, das que eu mais sinto falta, são as coisas que não se pode tocar; são as coisas que não estão ao alcance das nossas mãos. São as coisas que não fazem parte do mundo da matéria.

É aqui que o pensamento de Illouz (2011) sobre o capitalismo afetivo mostra-se interessante. Cabe observar que as ideias da socióloga são vislumbráveis não apenas nessa reificação do amor, mas também nas tentativas de Lourenço de refletir sobre sua vida e narrativizá-la. A já referida conversa “terapêutica” com a faxineira exemplifica bem o que Illouz tem em mente quando fala da tentativa de os sujeitos verbalizarem seus afetos, de modo a torná-los entidades passíveis de reflexão e controle. No entanto, como coloca a autora, afetos (tais como cheiros, eu acrescentaria) não são plenamente traduzíveis em palavras nem domesticáveis:

Há coisas que simplesmente fazemos melhor sem palavras, isto é, sem verbalizar o que estamos fazendo e por que o fazemos. Além disso, não só as palavras interferem nos juízos instantâneos, como a sobrecarga de informações realmente diminui, ao invés de aumentar, a capacidade de tomarmos o tipo de decisão rápida que define a atração romântica. (Illouz, 2011, p. 150)

Como lembra Rodrigo Duarte (1997, p. 47), a alienação vinculada à reificação implica domínio sobre o objeto que é pago com a perda da compreensão. O amor em tempos de capitalismo avançado, indica Illouz (2011), busca compreensão nas palavras, mas a própria reificação dos sentimentos tornou-o incompreensível de saída. A dinâmica da ação teleológica e racional faz-se presente na tentativa de um controle discursivo dos sentimentos, o que acaba por sufocar aquilo que não seria passível de verbalização.

Há, assim, um declínio da singularidade, sendo que as palavras apreendem uma experiência já empobrecida desde sua base. Como já atestava Honneth (2005, p. 129): “Nós podemos ser capazes, em um sentido cognitivo, de perceber todo espectro de expressões humanas, mas nós não temos, por assim dizer, o sentimento de conexão que seria necessário para que fôssemos afetados pelas expressões que percebemos”. É essa conexão que nos faz simultaneamente sociais e singulares.

Nesse contexto, nota-se uma curiosa inversão da lógica da luta visualizada no marxismo clássico. Se, historicamente, julgou-se essencial pensar em formas que permitissem que a classe-em-si se transformasse em classe-para-si, a questão que parece se colocar, hoje, é a de mecanismos de superação do *indivíduo-para-si*, para que *indivíduo-em-si* possa revelar-se. No mundo discursivizado e coisificado do capitalismo tardio, há poucas brechas para a emergência das singularidades.

Considerações finais

“A vida é dura”, evidencia-nos Lourenço. Dura na brutalidade com que torna tudo concreto, coisificado e despido de singularidade. Neste artigo, buscamos pensar “O cheiro do ralo” como alegoria para compreender os processos de reificação contemporâneos. Processos esses que, como aponta Axel Honneth (2005), são marcados por um esquecimento da centralidade (e anterioridade) de nosso *engajamento afetivo-empático* com o mundo. Buscamos apresentar as discussões de Hartmann e Honneth (2006) e de Eva Illouz (2011) sobre os paradoxos e dilemas do capitalismo hodierno, com base nas quais analisamos o mencionado filme.

A análise aponta para a complexidade da reificação, para sua variedade de manifestações e para a forma como atravessa a emergência do capitalismo afetivo. De forma bastante incisiva – quase como uma caricatura que ressalta os traços mais marcantes de uma pessoa – “O cheiro do ralo” evidencia os limites e contradições de um mundo que objetificou singularidades, afetos e pessoas, sem saber como lidar com o retorno da dimensão não objetual dessas supostas coisas. É essa contradição constitutiva que nos permite ter esperança na constatação de um mundo que se ressingulariza. É essa mesma contradição, contudo, que nos sugere certo ceticismo em relação aos mesmos lampejos de singularização.

Referências

- ADORNO, Teodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir; GENTILLI, Pablo (Orgs.) *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado Democrático*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 9-23.
- BEAUD, Michel. *História do capitalismo – de 1500 aos nossos dias*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- DUARTE, Rodrigo. *Adorno/Horkheimer & a dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- _____. *Adornos – nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.
- ESPING-ANDERSEN, Gosta. O futuro do *welfare state* na nova ordem mundial. *Lua Nova*, n. 35, p. 73-111, 1995.
- HARTMANN, Martin; HONNETH, Axel. Paradoxes of Capitalism. *Constellations*, v. 13, n. 1, p. 41-58, 2006.
- HOBBSBAWM, Eric. *Era dos extremos – o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HONNETH, Axel. *The critique of power: reflective stages in a critical social theory*. Cambridge/London: The MIT, 1991.
- _____. Recognition or redistribution? Changing Perspectives on the Moral Order of Society. *Theory, Culture & Society*, Londres, v. 18, n. 2-3, p. 43-55, 2001.
- _____. Redistribution as recognition: a response to Nancy Fraser. In: FRASER, N; HONNETH, A. *Redistribution or Recognition? A political-philosophical exchange*. Londres/Nova York: Verso, 2003b. p. 110-197.
- _____. Reification: a recognition-theoretical view. Trabalho apresentado em *The Tanner Lectures on Human Values*, University of California, Berkeley, 14, p. 91-135, 16 de março 2005.
- _____. Work and recognition: a redefinition. In: BUSH, H-C. S.; ZURN, C. *The philosophy of recognition: historical and contemporary perspectives*. Lanham: Lexington Books, 2010. p. 223-240.
- _____. Recognition as ideology. In: DEN BRINK, B; OWEN, D. *Axel Honneth and the Tradition of Critical Social Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- ILLOUZ, Eva. *O amor nos tempos de capitalismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
- MARKELL, Patchen. *Bound by Recognition*. Princeton: Princeton University Press, 2003.
- MENDONÇA, Ricardo F. A dimensão intersubjetiva da auto-realização: em defesa da teoria do reconhecimento. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 24, n. 70, p. 143-154, 2009.
- PRZEWORSKY, Adam. *Estado e economia no capitalismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. 167p.
- SMITH, Nicholas H. Work and the struggle for recognition. *European Journal of Political Theory*, v. 8, n. 1, p. 46-60, 2009.

"El olor de la alcantarilla" y las contradicciones del capitalismo

Resumen

Este artículo busca discutir la película brasileña "O cheiro do ralo" a partir de algunos conceptos tratados en el ámbito de la teoría crítica contemporánea. De modo bastante incisivo, el largometraje evidencia los límites y contradicciones de un mundo que objetivó singularidades, afectos y personas, sin saber como lidiar con el retorno de la dimensión no objetual de estas supuestas cosas. Y esa contradicción constitutiva es que nos permite tener esperanza en la constatación de un mundo que se re singulariza. Es esta misma contradicción, sin embargo, que nos sugiere cierto escepticismo en relación a los mismos destellos de singularización. Basándose, sobre todo, en los escritos de Axel Honneth e Eva Illouz, el análisis apunta para la complejidad de la reificación, para su variedad de manifestaciones y para la forma como ella atraviesa la emergencia del capitalismo afectivo.

Palabras clave: cine y política, teoría crítica, reificación, capitalismo afectivo, Axel Honneth.

"Smell from the drain" and the contradictions of capitalism

Abstract

This article discusses the Brazilian film "O cheiro do ralo" from the perspective of contemporary critical theory. In a rather incisive manner, the film testifies to the limits and contradictions of a world that objectifies singularities, affective bonds and persons, without ever learning how to deal with the non-objective dimension of these supposed "things". It is this constitutive contradiction that sug-

gests some hope in the possibility of a reemergence of the singular, while also recommending contradiction and skepticism toward the appearance of this singular. Based, above all, on the writings of Axel Honneth and Eva Illouz, the analysis eludes to the complexity of reification, its varied forms and the way it permeates the consolidation of affective capitalism.

Key words: cinema and politics, critical theory, reification, affective capitalism, Axel Honneth.

Data de recebimento do artigo: 20/5/2013

Data de aprovação do artigo: 12/11/2013